



REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

BON VOYAGE: UM GUIA SOBRE O PERÍODO MODERNO

Igor Lemos¹

MICELI, Paulo. *História Moderna*. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p.159.

O historiador Paulo Celso Miceli é livre-docente pela Professor de História na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor de História da mesma instituição. Dedicado a pesquisas de temas ligados a cartografia histórica e história das navegações, o historiador é criador e coordenador do grupo de pesquisas "Mare Liberum - Centro de Estudos e Referências em Cartografia Histórica".

Nesta resenha pretendo realizar uma análise da obra *História Moderna*, de Paulo Miceli, que integra a coleção *História na Universidade* publicada em 2013. O foco desta obra não é produzir um estudo historiográfico original, mas de abordar, através de uma escrita acessível ao grande público, os "acontecimentos que, tradicionalmente, constituem a ossatura da cultura historiográfica dedicada ao período"² baseado em produções de grandes pesquisadores sobre o período como Christopher Hill, Jacob Burckhardt, Jean Delumeau, Natalie Zemon Davis e Peter Burke. Miceli, mesmo fazendo referência a fatos ocorridos entre o século XV e XIX, adota o século XVI como o principal momento a ser retratado, justificando sua posição pela prática comum entre profissionais da História em delimitar recortes espaciais e/ou temporais para melhor compreensão de seus estudos.

A obra encontra-se estruturada em Introdução, seguida de sete capítulos, sem apresentar conclusão. Nestes capítulos o autor aborda temáticas diferentes, já apresentando desde as Grandes Navegações, como tema de grande importância. Além da introdução e dos capítulos, o livro também apresenta uma página com sugestões de leitura, não apresentando bibliografia e ao decorrer de toda a narrativa são inseridas "caixas" de textos contendo fontes ou trechos de outros livros.

¹ Graduando em História pela UDESC. E-mail: igorlemoreira@gmail.com

² MICELI, Paulo. *História Moderna*. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p.09

Na introdução o autor aborda, principalmente, seu tema de pesquisa acadêmica – as Grandes Navegações, pensando no início dos tempos modernos como o momento de unificação da Terra, assim como tenta delimitar seu campo de estudo realizando críticas a linearidade quando se escreve sobre história. O autor neste primeiro momento inicia alguns debates sobre o Renascimento que são mais trabalhados no primeiro capítulo.

Intitulado “*O estado como obra de poder e arte*”, o primeiro capítulo aborda o contexto do renascimento na Itália, pensando na família Médici como grande mecenas no período e suas implicações no plano político de Florença, a partir de *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel, que tem em seu primeiro livro a figura do príncipe renascentista como foco. Ao pensarmos em *O príncipe* precisamos ter claro que esta obra precisa ser contextualizada em seu tempo, e que, segundo Miceli, um dos principais “conselhos” de Maquiavel ao governante é que é preferível ser temido caso não lhe seja possível ser amado e temido ao mesmo tempo, porque o homem é traiçoeiro.

No capítulo seguinte, “*O Humanismo Fora da Itália*”, o autor busca abordar o humanismo fora da Itália objetivando resumir as ideias gerais de Erasmo de Rostterdam com *O Elogio da Loucura* e de outros escritores do período influenciados por suas ideias como Thomas Morus em *Utopia*, Montaigne em “*Ensaios*” e Rabelais com suas narrativas escritas em Francês, considerada língua vulgar no período para escrita.

Em “*Entre a religião e a ciência*”, terceiro capítulo do livro, Miceli foca no estudo das reformas religiosas, da contrarreforma e da ciência no século XVI. Neste capítulo o autor aborda o papel de Martinho Lutero na reforma protestante utilizando como estudo base a obra de Lucien Febvre *Martinho Lutero: Um destino*³, porém Miceli omite um dos principais pontos, segundo Febvre (2012), que levaram a popularização das ideias de Lutero (em especial a bíblia traduzida por ele, que desta maneira passou a ser um objeto de uso restrito a um pequeno grupo, em especial a Igreja): A Prensa de Dispositivos Moveis de Gutenberg. A prensa de Gutenberg representou, desse modo, um diferencial de Martinho Lutero as outras tentativas de questionamento ao poder clerical anteriores.

O quarto capítulo da obra, “*A Fabricação Divina do Rei*”, o autor dedica-se ao estudo do Estado, assinalando que existe uma vasta produção historiográfica

³ FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

sobre o tema, e acaba abordando brevemente a natureza da monarquia absolutista. Neste capítulo o autor faz referências a pensadores como Jean Bodin, Thomas Hobbes e Jacques-Bénigne Bossuet, e afirma que antes do século XVI e o surgimento dos estados nacionais é complicado afirmar que existia qualquer modelo de Estado. Porém, o momento principal deste capítulo é quando o autor atenta para a formação de uma justificativa divina para o poder do rei, buscando aumentar seu prestígio em meio ao povo e a igreja, estudando o caso específico do Rei Luís XIV (o rei sol) com base em Peter Burke.

Seguindo a linha de raciocínio do quarto capítulo, o estado, o autor busca no quinto capítulo, *“Os Senhores do comércio e das finanças”* pensar nos mercadores e na moeda, uma vez que durante a formação dos Estados nacionais modernos o investimento nestes transformou-se em um investimento com riscos reduzidos. Entre as guildas, em especial na Itália, as dos mercadores eram grande alvo de prestígio e funcionavam como uma espécie de força motriz das sociedades modernas, e especialmente em Florencia estes mercadores deveriam se envolver com a política⁴. Para ilustrar o lugar de prestígio dos mercadores o autor utiliza a peça *O Mercador de Veneza* de William Shakespeare, inserindo duas colocações sobre os deveres do mercador: não conviver com os pobres já que estes não possuem nada a lhe oferecer e o ponto da dívida paga com a carne, ou seja, a morte por dívida.

“A Cultura do Povo”, título do sexto capítulo e possível referência a uma das obras da historiadora Natalie Zemon Davis⁵, é focado nos espaços de sociabilidades no período moderno como o teatro e o carnaval, e tendo como referência central o livro *Cultura Popular na Idade Moderna : Europa 1500-1800*, de Peter Burke. Neste capítulo, o autor retoma as temáticas trabalhadas anteriormente, como o governante, que precisaria “cavalgar”, segundo o autor, pelo tempo e pelo espaço protegendo os seus súditos e seguidores de ameaças, e exigindo em troca, a sua total fidelidade⁶, e a religião, que também fazia parte da “cultura popular”. Sobre os momentos de interação, ou momentos do povo, por excelência o autor destaca o Carnaval (interpretada como a “a festa da liberação”) e a execução, ou o espetáculo da morte, que servia tanto como exemplo do que não deveria ser seguido como um modo de entretenimento.

⁴ MICELI, op. cit., p. 110-113.

⁵ DAVIS, Natalie Z. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.

⁶ MICELI, op. cit., p. 123.

No último capítulo, *"A preparação para o futuro"*, Miceli busca de maneira compacta abordar a revolução inglesa de 1640, utilizando como base teórica o historiador Christopher Hill, que levou a deposição e a execução de Carlos I, pensando também no iluminismo, no início do processo da industrialização, nas ideias e na composição do Antigo Regime, a Revolução Francesa e no caso das mulheres na história (em especial o caso de Olympe de Gouges).

O livro de Miceli apresenta-se como um excelente apoio para estudantes de história e professores, assim como por sua escrita é um livro para qualquer pessoa interessada pelo período moderno. Podemos dizer que faltou ao autor referências a um dos principais acontecimentos do período moderno que compõe a ossatura da historiografia: A revolução de Gutenberg e seu papel para a Europa. Esta foi responsável pela popularização do conhecimento e por impulsionar uma série de movimentos e pensadores⁷. Além da revolução de Gutenberg nota-se uma ausência de referências ao período da Caça às Bruxas e ao papel feminino no período em todo o livro, mesmo que este afirme nas últimas páginas optar por não trabalhar com isso, seria cabível ao menos uma referência a estes dois pontos, como por exemplo ao trabalhar com a reforma protestante poderia ser comentado o interesse das mulheres em defender a reforma uma vez que ganhavam mais espaço ativo que no catolicismo (DAVIS, 1990)⁸.

⁷ MAN, John. A Revolução de Gutenberg. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

⁸ DAVIS, Natalie Z. Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.